

**POETA
SEM
REPENTE**

Luan Gonçalves

**POETA
SEM
REPENTE**

NOCEGO

Copyright ©
by Luan Gonçalves

Colaboração de textos
Vitinho Gouveia

Revisão:
Luan Gonçalves

Projeto Gráfico
D. Calixto

Capa
Alisson Tech

Editor Responsável
D. Calixto

Assistente Editorial
Flaviane Calixto

869.91 Souza, Luan Gonçalves
S726 Poeta sem repente: a realidade brasileira em verso e prosa /Luan
Gonçalves.- 1. ed. - Jequié: Nocego, 2018.
108p.

ISBN 978-85-93084-08-9

1. Literatura brasileira – Poesia 2. Literatura brasileira -
Verso – Prosa I. Título

Jandira de Sousa Leal Rangel - CRB 5/1056 - Bibliotecária

Editora Nocego
Todos os direitos reservados

Nenhuma parte desta publicação pode ser armazenada, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos, eletrônicos ou outros quaisquer sem a prévia autorização da editora e seus autores

www.editoranocego.com.br

Agradecimentos

Quero agradecer a Deus, em primeiro lugar, pela saúde, o dom da vida e ínfima, porém, suficiente sabedoria para desenvolver em meus dias aquilo que mais amo.

Após, quero agradecer a minha família, em especial aos meus pais (Uberlândio e Aracélia) e irmãos (Caio César e Marcel), por serem bases para a operacionalização dos meus sonhos e desejos, e ouvidos pacientes para ouvir minhas “poesias sem rimas” dentro de casa. Motivo mesmo, que agradeço a minha companheira, Fernanda Reis, que tanto recebeu na íntegra meus escritos cheios de transpiração e pouca inspiração. (Obrigado, amor).

Para que a justiça seja feita, abro aqui um importante parêntese: (vou deixar meu agradecimento TODO ESPECIAL ao meu irmão e grande ser humano e ser político, Caio César que foi, para mim e Marcel, uma vitrine inalcançável de sabedoria política e de amor ao próximo, sendo, portanto, o maior e primeiro fomentador das minhas reflexões e críticas a essa complexa sociedade).

Agradecimento todo especial a minha amiga/irmã Bárbara Dias, que sempre me enalteceu ao ouvir humildemente minhas rimas pobres, e dividiu comigo todas as angústias, segredos e alegrias, debaixo do mesmo teto durante minha passagem na capital Alagoana. À Lydia Vanessa, sua mãe e querida Ana Lúcia e seu pai Valter, pela acolhida e por terem me dado seus braços e abraços nos momentos mais difíceis em Maceió (local

que desenvolvi a maioria das poesias desta obra).

Agradecer aos companheiros e companheiras de movimento estudantil, em especial durante a graduação em Nutrição na Universidade Federal de Alagoas, onde conheci o Centro acadêmico de Nutrição (CANUT) e Executiva Nacional das(os) estudantes de nutrição (ENEN), que foram capazes de despertar ainda mais em mim o espírito libertário e desobediente, necessário para viver essa vida de iniquidades e injustiças sociais. Um agradecimento TODO ESPECIAL à Vitinho Gouveia (Nutricionista e colaborador direto desta obra); Jayanne Mello (Nutricionista e nossa irmã que sempre esteve lutando conosco nessa árdua caminhada); ao nosso grande companheiro Arthur Grangeiro, que nos acolheu e nos levou, assim que chegamos à Universidade, ao Movimento Estudantil de Nutrição (MEN); e por fim, porém não menos importante, ao Professor e Mestre, José de Souza Leão (mestre Lyon) pelos ensinamentos infundáveis dentro e fora de sala de aula. Saibam que vocês contribuíram de maneira formidável na construção do ser humano que hoje sou.

Agradeço à Editora Nocego, pela confiança e credibilidade dada ao nosso trabalho.

Obviamente não podia deixar de agradecer a você, que está lendo essa obra neste momento, por acreditar que meu livro pode ser útil e relevante para a sua vida. Portanto, a todos(as) vocês, meu MUITO OBRIGADO!!!!

Sumário

Provocação	09
Tirania aqui não!	13
Tempero de sangue	18
Soneto pela Soberania	26
Poeta sem Repente	28
Os muros do lado de cá	34
Reforma Agrária JÁ!	42
Mesmo que na pele eu não sinta	47
O caos sobre rodas	55
Nordeste não é sofrimento	61
Ganância que dá ânsia	66
Eleições 2018	71
E como dói	78
Difícil vida do povo brasileiro	84
Pela vida delas	90
Cadê	95
O desafio de ser Único	100

Texto de provocação

Se fizer uma pergunta a você leitor(a), questionando-o(a) sobre sua animosidade com a situação socioeconômica e sociopolítica do nosso país, inequivocamente posso afirmar, de antemão, que terei uma enxurrada de caras e bocas me sinalizando uma tremenda insatisfação e infelicidade para com a temática. Antecipadamente, posso prever, também, que você pode ser uma daquelas pessoas que me diria: “iiih, lá vem você falar de política” ou ainda, “não gosto de política” ou quem sabe aquela que me diria “política não se discute”. E aí lhe replico com uma outra indagação: algo que tu vives em tua feliz vida, é isenta de ação política? Antes disso: sabemos o que significa a palavra “politica” e sua aplicação prática em nosso dia a dia?

Pois bem. Após esse questionamento, convido você a viajar de uma forma mais dinâmica/interativa e menos engessada, nesse mundo de decisões quase sempre coletivas (pois muitos valem-se da tirania e plutocracia para deturpar o seu real significado) que ditam os rumos daqueles(as) que, infelizmente, necessitam da intervenção do Estado para ter seus direitos “assegurados”. Nesse momento, após passar os olhos sobre a palavra “infelizmente”, deve estar pensando que estás diante de uma obra de mais um neoliberal da contemporaneidade que prega o Estado mínimo até debaixo d’água. Lhe direi, categoricamente, que NÃO!

“Infelizmente”, pois, tendo o mínimo conhecimento da embriogênese do Estado, não posso me furtar de dizer a vocês que a concepção deste se deu para manutenção da ordem (leia-se manutenção das estruturas hegemônicas e exploradoras em suas condições de superioridade) da nossa sociedade, tornando-se, assim, ferramenta incontestável de conciliação entre as classes e apaziguador das percepções de distorções e iniquidades sociais por parte das massas subalternas (que poderiam, portanto, gerar situações de contestação e instabilidade “dessa ordem e desse progresso” pregado, retoricamente, como o real progresso).

Lhe convido a fazer um paralelo com um dos seus principais instrumentos para essa garantia: a força policial (Estado) e sua ação contra a classe trabalhadora em seus momentos de rebeldia. (Aqui faço minha crítica a forma que a “Instituição policia militar”, interfere nessa correlação. Não faço crítica diretamente aos trabalhadores, que como nós, eles também são vítimas desse sistema que nos desumaniza).

Diante de algumas provocações como essas, resolvi unir todos os meus conjuntos de palavras, com o poder de lhe soar como rimas e músicas – também chamados de poesias – nesta obra, trazendo em seu corpo alguns protestos e inquietações sobre a gênese desse Estado, conhecido como Brasil, e do cumprimento desumano de suas medidas ao longo dos séculos até os dias atuais. Medidas essas, que resultaram nessa estrutura de sociedade em que hoje habitamos, altamente paterna-

lista, injusta e desigual. Portanto, não se trata de uma obra onde as opiniões e posições partidárias se mostram, mas sim, os pensamentos, ideais e lutas que precisam ser travadas, e independentem de composição partidária, mas diz respeito, sim, ao pleno exercício da cidadania e cumprimento dos direitos cidadãos. Ou seja, falo aqui da luta e busca pela garantia desses direitos e deveres inerentes ao ser humano, QUE DEVERIA fazer parte da luta de todos e todas, independente do campo ideológico que construa.

Desejo a você uma ótima leitura, divirta-se e se inquiete ao mesmo tempo, pois “de nada esse verso valeria, se não fosse para gerar em você, uma vontade imensa de transformar o seu mundo todo santo dia”. Forte abraço, e MUITO OBRIGADO por ter acreditado em mim.

Ah! Só uma observação. Deixei um cantinho pra você, ao final de cada poesia, para exercitar diariamente aquele(a) poeta/poetiza que sempre existiu dentro de você. Se possível, envie-as para exposição em minhas redes sociais.

HábraSUS, Luan Gonçalves

Tirania aqui não!

Falam mal do meu Brasil
Sei, tem seus problemas
Mas desse jeitinho que vivemos
Vamo resolvendo nossos dilemas

Peeeeense num povo arrochado
De ousadia ímpar e desobediência vital
Eles mantêm tirania do lado de lá
Mas aqui, não se sustenta o ditatorial

Em 64 nos deram o golpe
Em 85 isso pudemos provar
Acharam que iriam manter aqui seu poder
E nossa democracia facilmente desmantelar

Mas foi aí que se enganaram
Encontraram do outro a desobediência
A mesma que derrotou os coronéis do sertão
E fez na luta, aumentar a nossa crença

Crença que somos mais fortes
Do que aqueles que perceberam nossa riqueza
E marchar de mãos dadas o tempo todo
Para em nenhum momento demonstrar nossa fraqueza

Pois nós somos brasileiros
Por que nós somos inquietos
Não é porque nos impõem a injustiça
Que a aceitaremos de braços abertos

Não aceitaremos passivamente
Aquilo que não nos interessa
Se não condiz com a nossa vontade
Na rua nossa gente se manifesta

E trancar o trânsito
Parar tudo se preciso
O que não vamos engolir
É o lobo de cordeiro transvestido

Não nascemos para sermos submetidos
Ao despotismo que em nossa porta bate
Abriremos e mandaremos para longe
E bradaremos pela nossa liberdade

Com esse espírito libertário
Continuaremos a combater a tirania
Que tenta destruir a nossa força
Acabar com nossos sonhos noite e dia.

Dias com mais sol buscaremos todas as noites
Noites com mais luz, traremos da nossa manhã
Não serão vocês, déspotas entreguistas
Que nos farão sentir o amargo da maçã

Portanto, Brasil pátria amada nossa
Que seu povo heroico entenda seu chamado
Que lute até o fim dos seus dias
Pelos nossos direitos que têm sido retirados.

Pois como dizia Martin Luther King
Citarei aqui em um só tom
“O que me preocupa não são os gritos dos maus
Mas sim, o silêncio dos bons”.

Nota sobre a poesia

Segundo o dicionário de Aurélio, tirania significa, dentre outros, um “o exercício de um governo injusto e cruel”. Essa poesia tenta expressar em versos e rimas, a capacidade de luta do povo brasileiro, que desde antes da ditadura militar de 64, se opõe com muita força e resistência aos governos tiranos. O nosso sertão, o nosso nordeste, o nosso Brasil, desde o século XVI nos mostram, de forma veemente, a sua desobediência e transgressão à tudo aquilo que vai de encontro ao desenvolvimento pleno dos seus direitos, como a luta pela terra, pela igualdade e equidade social, pelo acesso ao alimento adequado, dentre outras pautas históricas.

É uma poesia excitada pela tirania que muitos “representantes do povo” vêm desenhando e pondo em prática em seus mandatos. Poesia de protesto contra medidas do atual cenário político, como a proibição do direito à greve da classe trabalhadora, pela revisão da contribuição sindical, como medida estratégica para desmobilizar e enfraquecer a luta organizada das(os) trabalhadoras(es), afim de lhes proporcionar mais sossego e tranquilidade na operacionalização de suas agendas funestas de desconstrução das bases dos direitos sociais, além de medidas como o pacote do veneno (que trataremos mais adiante neste livro), que nos impõe, arbitrária e violentamente, a ingestão passiva de litros e mais litros de agroTÓXICOS, por meio do nosso “pão de cada dia”.

Portanto, essa poesia mexeu comigo positivamente, tanto quanto eles mexem (negativamente) com a nossa paciência e sanidade mental ao nos atacar diariamente com suas medidas tiranas. Os versos se desenrolam plantando e cultivando em nós, uma sede de fazer valer nossas lutas, de fazer com que nossos gritos sejam ouvidos do alto dos seus palacetes no planalto central, e na casa grande de cada estado da federação, onde suas canetas testemunham e, assinam embaixo, muitas condenações contra a dignidade e vida do povo brasileiro. Convido-o(a) a retirar do modo avião o espírito libertário que há dentro de ti, o mesmo que habitou em mim, para melodiar tal protesto para a sua leitura.

Por fim, é de arrepiar a minha sorte quando falando sobre a liberdade, penso em citar um dos maiores líderes das lutas populares de todos tempos, o pastor e ativista político estadunidense, Martin Luther King, que na última estrofe dessa poesia nos convida, de maneira inequívoca, a tomar nossas bandeiras e bradar por nossos direitos defendendo sempre a soberania do nosso povo e a dignidade humana.

CONSTRUA
AQUI
SUA POESIA

Tempero de sangue

“Pobre tem que comer é com veneno”
Disse a motoserrainha do desmatamento
Para dar lucro a máquina da morte
Como moeda de troca nosso envenenamento
Que por dentro tudo destrói
Mais covas o coveiro constrói
E milhares de vidas aos poucos vão morrendo

Aqui protestamos contra os agrotóxicos
Que temperam com gosto de sangue o alimento
E leva pra dentro do bucho a má sorte
De ingerir o pior dos condimentos
Defendem que sem pesticidas
Sem o uso extensivo de fungicidas
Não colocaremos na mesa o sustento

Mas sabemos a verdade dos fatos
Os interesses sombrios que os cobre
Da forma brutal e cruel de produção
Da influência do capital que nos engole
Que põe a margem de lucro na frente
Como pessoas boas e inteligentes
Nos colocando no leito de morte

Leito de morte prévio a vida
Sofrem mesmo antes de ao mundo vir
Por meio das intoxicações maternas
E pelos venenos que estão a engolir
Distancia o início da vida
Na placenta tudo contamina
E aproxima o início do fim

Assim vemos que o lobby por eles impostos
Tem funcionado muito bem, obrigado
Vem comprando os mortais da bancada
Fazendo valer cada voto computado
E nessa briga de interesses do agronegócio
A saúde perde espaço pro seu sócio
Pois sabemos quem será sacrificado

Sacrifício que não é pra eles nem por eles
Pois pra si, o filé dessa carcaça
Nos mostrando a injustiça desse vil sistema
E quão sanguinária é sua farsa
De que maior será a produção
E que seu uso não matará nosso chão
E arruinará a fome que diariamente nos abraça

Sacrifício que valerá a vida de milhões
E tirará de nós o direito ao alimento adequado
Alimentos livres de veneno, tóxicos
Ainda um grande sonho a ser conquistado
Mas não será sem fazer nada
Com a propaganda viver hipnotizada
Que destruiremos esse legado

Querem nos empurrar a PL do veneno
Que dentre várias medidas funestas
Tentam nos enganar descaradamente
Com propostas como esta:
Chamar o agrotóxico de fitossanitário
Achando mesmo todos nós com cara de otário
Vão garantindo dessa forma a sua festa.

Festa que vale para muitos, a vida
Para outros, a alma dos irmãos
Sendo que a natureza, a água e o alimento
Já estão há muito tempo em suas mãos
Que como um açoite a chicotear
Nos machucam ao jogar
Toneladas de veneno em nossa plantação

Dizem a nós que o agro é pop
O agro é tec, o agro é tudo
Só esqueceram de nos mostrar a realidade
Que dizem as vozes dos estudos
Onde as doenças nos consomem
Some a força da mulher e do homem
Que no campo cultiva o seu fruto

A cada ano que passa
O câncer vence mais um bando
Acha mesmo que é por acaso
Ou tem mão da Syngenta e da Monsanto?
Que rega a plantação com o mal
Que nos causam uma ânsia infernal
E nos leva ao leito desumano

A cada ano que passa
Crescem as doenças neurodegenerativas
E nada tem sido feito
Para frear essa triste estimativa
Felizes estão a Bayer, a Dupont
Pra eles sim tá tudo bom
Para nós, a morte sem justificativa

É cruel o nosso sistema agrícola
Pouco avança a agricultura orgânica familiar
Mas a cada ano que se passa
Mais e mais venenos estão a pulverizar
Envenenam também a constituição
Tirando de nós a adequada alimentação
Tirando de nós a soberania alimentar

Nessa produção agroindustrial
Nossas águas morrem cada dia um pouco
Nossos animais se esquecem de viver
A natureza clama por socorro
Sua fauna morre, eu choro
Levam a mata direto ao solo
E a humanidade para o matadouro

Chega de agrotóxicos em nossa comida
Chega de veneno em nossa plantação
Chega de achar que acreditamos cegamente
No lobby que nos mostra a rede globo de televisão
Pois sabemos a verdade sem intermédio
Que o mesmo que me vende o remédio
É o mesmo que me enterra num caixão

É hora de dar um basta!
Basta de violência contra mim e contra você
Basta de violar nossos direitos
De fazer de nós o que bem quiser e entender
É hora de levantarmos a poeira desse chão
Pois como dizia a letra da canção
"Quem sabe faz a hora, não espera acontecer!!"

Nota sobre a poesia

“Porque poetizar um assunto tão hostil?”, perguntaram. Então respondi: “poetizar a vida é fácil, quero ver mesmo é poetizar a morte.”

Falar de agrotóxico é antes de tudo falar de violação dos direitos humanos, de atentado contra a vida do povo da cidade e do campo, e todas as consequências negativas dessa prática.

O Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA) é um dispositivo previsto na Declaração Universal dos Direitos Humanos, desde 1948. No Brasil, após amplo processo de mobilização social e fortalecimento do debate acerca da temática, aprovou-se, apenas em 2010, uma Emenda à Constituição (EC) nº64, que “assegura” a alimentação adequada à toda população. Afinal, você que nunca ouviu falar sobre esse direito deve estar se (ou me) perguntando do que se trata ao certo. Pois bem... O DHAA traz como pontos centrais e pilares de sua sustentação, questões como a disponibilidade de alimentos (em quantidade); a adequação da oferta de nutrientes (em qualidade); o acesso irrestrito e contínuo a esse alimento, corroborando com o conceito de Segurança Alimentar e Nutricional (SAN), que visa a garantia de todos esses quesitos acima pontuados (além do respeito à biodiversidade e produção pautada em práticas de base agroecológicas), sem comprometer nenhuma outra necessidade básica do ser humano, como acesso a outros bens e serviços essenciais, a exemplo da saúde, educação, vestimenta, dentre outras.

Quando falamos em acesso à uma alimentação segura do ponto de vista biológico, falamos de alimentos com qualidade nutritiva (perfil de nutrientes) e higiênico-sanitária (livre de qualquer risco à sua integridade, seja ele risco físico, químico ou biológico). Se formos ao dicionário, veremos que a palavra “risco” (do latim *risicu*, *riscu*), significa “possibilidade de risco, perigo”; e a palavras “química”, significa “relativo à química, substâncias químicas”. Portanto, se fizermos a união dessas duas palavras, com adequada interpretação do seu significado conjunto, e criarmos o nosso conceito (na ausência de conceito no dicionário para esse termo), teremos que risco químico seria definido como: “substâncias químicas que podem vir a causar danos/perigo à integridade de algo ou alguém”. Neste caso, falando da utilização de substâncias químicas (onde o agrotóxico se encaixa), na produção direta de alimentos de origem vegetal (e, indiretamente animal), temos que sua utilização fere um direito constitucional, que é o DHAA, pois, se essas substâncias carregam em sua composição elementos xenobióticos (que nada mais são do que compostos químicos estranhos ao corpo humano), logo, esses alimentos não estão seguros para o consumo humano. Com isso, fazendo esta análise rápida e elementar, já operamos aqui, uma defesa pífia do não uso desses venenos agrícolas em nossas plantações.

Vejamos agora, fazendo a seguinte análise, como nosso Estado é equívoco e paradoxal entre as suas determinações legais e conseqüente consecução

destas: 1º. Lá em 2010, como vimos anteriormente, nosso Estado garantia que o DHAA faria parte da nossa carta magna. Presume-se, portanto, que o máximo seria feito pelo Estado para que essa prerrogativa seja validada. 2º Aqui que mora o problema... Ao passo que o Estado me diz que é meu direito ter alimento seguro em minha mesa, ele também me fala (indiretamente por meio de suas medidas funestas), que os agrotóxicos terão portas mais alargadas para entrar em nosso território, em nosso plantio e, por fim, em nossa casa. Convido você, sem minha mediação direta, a conhecer a mais nova medida que corrobora com a tese de que o Estado é altamente paradoxal, também, nessa análise, fazendo a leitura do Projeto de Lei 6299/02.

CONSTRUA
AQUI
SUA POESIA

Soneto pela Soberania

Precisamos completar a travessia
Com destino à real independência
Pois de nada esse verso valeria
Se não fosse pra falar de resistência

Se vivermos sempre nesta obediência
Abraçando quem nos traz só covardia
Não seremos puramente nossa essência
Nem teremos a plena democracia

Se negarmos adentrar neste combate
E aceitando que o açoite nos maltrate
Viveremos amargando desenganos.

E seguindo nesta luta renitentes
Conquistando novos corações e mentes
Finalmente nós seremos soberanos.

Vitinho Gouveia

CONSTRUA
AQUI
SUA POESIA

Poeta sem Repente

Ontem acordei triste
Hoje, meio cansado
Quanto mais o tempo passa
Vejo que vivo amargurado
Sem brilho nos olhos
Sem sorriso nos dentes
Sou um passarinho sem canto
E um poeta sem repente!

É que a vida anda meio difícil
Não só pra mim, mas para todos
Que cedo sai para trabalhar
E volta a noite tarde sem repouso
E é punido com ausência
Mesmo quando está doente
Sou um passarinho sem canto
E um poeta sem repente!

Na política, medidas drásticas
Pro trabalhador nada vem dando certo
O que deixa nosso futuro nebuloso
E cada dia mais incerto
Menos direitos, mais regalias
Que faz o golpe ainda mais expoente
Eu sou um passarinho sem canto
E um poeta sem repente!

Na saúde, desconstruir o conquistado
Querem rasgar ferozmente a constituição
Derrubar o Sistema Único de Saúde
Privatizar um direito e pô-lo em um pregão
Procurando meios para difamar
Um SUS que cuida de toda nossa gente
Assim sou um passarinho sem canto
E um poeta sem repente!

A juventude negra vulnerável
Exposta ao ambiente mais hostil
Disseram que depois do golpe iria melhorar
Mas eu sabia, era primeiro de abril
A exclui da produção desse país
E destroem suas vidas brutalmente
Sou um passarinho sem seu canto
E um poeta sem repente!

Crianças sem chinelo brincam em esgotos a céu aberto
Correm pela rua sem o devido calçamento
Barriga d'água, solitária, leptospirose
Sem proteção contra os vermes desse terreno
Retrato das periferias deste país
E da ausência de um estado negligente
Por isso sou um passarinho sem canto
E um poeta sem repente!

A sociedade cada dia mais conservadora
Vive a condenar a pluralidade
Apontam os dedos odiosos
Contra amor espalhado pela cidade
Destilando preconceitos infundados
Apedrejando os que deles são diferentes

Eu sou um passarinho sem canto
E um poeta sem repente!

A previdência, oh meu Deus!
Tenha misericórdia da classe trabalhadora
Que construiu e constrói essa nação
Em condições desesperadoras
A indignação e revolta os toma
Vendo seu prêmio ir pro ralo assim tão de repente
Por isso sou um passarinho sem canto
E um poeta sem repente!

Isso não é contra os abastardos de berço
É contra quem viveu pra trabalhar
Pra receber um vencimento mísero
Mal dá pra comprar o ovo e o gás pra cozinhar
Mas dessa briga eu não fugirei
Lutarei pela dignidade da minha gente
Eu sou um passarinho sem canto
E um poeta sem repente!

Sem falar naqueles que hoje iniciam a luta
Pois a vida adulta acabou de começar
Esses coitados, se nada for feito
Certamente morrerão sem se aposentar
Uns nem chegarão à melhor idade
Muitos outros serão idosos indigentes
Seremos todos passarinhos sem canto
E poetas sem repente!

A vocês, governantes
Que tiram os nossos direitos da beira ao meio
Vou mandar um recado pra vocês
Quero que ouçam com atenção e com respeito
E para isso eu canto o canto das massas,
Do início ao fim, do fim ao meio:
"Pisa ligeiro, pisa ligeiro
Quem não pode com formiga não assanha o formigueiro!"

Notas sobre a poesia

Poeta sem repente é uma poesia que retrata o descaso dos nossos governantes em não fazer cumprir os direitos sociais de todo ser humano, segundo a Constituição Federal de 1988.

O título exprime a debilidade que temos em combater tais tiranias, diante de um sistema autoritário, deixando-nos muitas vezes sem voz, assim como um poeta sem a capacidade de criar seus repentes.

Traz em seus versos e estrofes, a face nua e crua da realidade brasileira, desde o sucateamento da nossa educação pública, passando pela saúde, pelo genocídio e marginalização da nossa juventude negra e periférica, até as repugnantes contrarreformas do então governo de Michel Temer. Contrarreformas essas, que visam a derrocada e desmantelamento dos nossos direitos, para favorecer uma agenda de transferência direta dos nossos recursos e riquezas aos banqueiros e rentistas por meio, principalmente, do pagamento e amortização dos juros da dívida pública, que consome quase 50% de toda riqueza material que é produzida em nosso país (expressa pelo Produto Interno Bruto - PIB), estrangulando, dentre outros, os investimentos no Sistema Único de Saúde, na Previdência e Assistência Social.

CONSTRUA
AQUI
SUA POESIA

Os muros do lado de cá

Pelas gretas vejo a barreira de concreto
O muro que brutalmente nos invade
O mesmo que separam cruelmente
E dividem em dois a nossa humanidade
Aqueles que estão do lado de cá
E os que estão do lado de lá dessa metade

Muros que são reflexo da construção
Impiedosa desse feroz sistema
Que marginaliza uma grande parte
E insere a outra nesse louco esquema
Mas sem perceber aliena todos nós
Dentro de um gigante problema

Falo aqui, da masmorra que aprisiona
Dos muros da penitenciária da cidade
Da prisão do estado de Alagoas
Que aparta a sarjeta humana da Universidade
Que do lado cá muito pouco faz
Para modificar essa triste realidade

Olha só como é irônico esse mundo
Como o seu enredo é paradoxal
Os concretos que cercam o aprisionamento
São os mesmos da instituição educacional
Educação que nos desvencilha da prisão
Que nos apresenta para uma nova missão
E nos concede a libertação social

Estou aqui há seis horas
Me sinto preso, seguro
Imagina ele que está há anos capturado
Totalmente encarcerado e recluso
Vendo o sol nascer quadrado
Todo dia por detrás daquele muro

Está recluso em condições sub-humanas
Merecido para muitos do lado de cá
“Se não fizesse isso ou aquilo”
Certamente não teria que estar lá
Mas o que o Estado fez para isso impedir
E uma nova vida a ele possibilitar?

Não que do lado de cá não estejamos reclusos
Trancafiados em uma prisão
Prisão sem portas, sem grades
Que nos deixam cegos para essa situação
Tem prisão mais cruel do que aquela
Que nos faz esquecer do nosso próprio irmão?

Sim, patrão, por mais que não tenha sua cor
Sua pele, ele é seu irmão
Irmão em Cristo, que lutou pela justiça
Que pregado na cruz ao pecador deu o perdão
E você, certamente um de seus seguidores
O que tem feito para mudar essa condição?

Não é tão simples o complexo sistema
Da sua sacada é fácil falar e criticar
Quero ver estar lá vivendo e convivendo
Com a fome que dói, faz o filho chorar
Choro que corrói, a alma fere

Por dentro um alto grito vive a gritar.

Não é justificar a criminalidade
Nem achar que o erro é normal
É perceber que é reflexo da sociedade exploradora
E marcada pela lógica do capital
Que desumaniza, escraviza, marginaliza
E a todos nós faz um grande mal

É tão alienante,
Que nos é negada a possibilidade de pensar
É mais fácil aplaudir a truculência da polícia
Do que pela igualdade lutar
É mais fácil buscar mais penitenciária desumana,
Do que oportunidade para todos buscar

E a cada dia que se passa,
A justiça pelas próprias mãos é praticada
Alegando fazer o bem
É a justiça do homem de forma massificada
Amarrar o ser humano no poste e o agredir
Nossa, como a nossa sociedade é sofisticada

E ai, quando vamos quebrar os muros?
Que nos privam da real libertação
Liberdade de ser e ter o que necessita
Direitos garantidos que nos livre dessa prisão?
Acorda sociedade
O caminho é a Revolução!

Revolução popular
O povo no poder
Destruindo as estruturas hegemônicas

Que nos fazem esquecer
Que o que dói em você dói em mim
E o que dói em mim, dói em você!

Nota sobre a poesia

Como podes observar no enredo dessa poesia, sua construção se deu na cidade de Maceió, mais precisamente na Universidade Federal de Alagoas. Os muros dessa universidade (quem a conhece não me deixará mentir), divide o principal local (teoricamente) de oportunidades e possibilidades de libertação social do estado (a Universidade por meio da educação), do ambiente que aprisiona não somente corpos, mas também almas, histórias e vidas, privando-os da liberdade e da possibilidade redesenhar novos caminhos para suas vidas.

Falar de cadeias, de população carcerária, de ressocialização dessa população reclusa, é sempre algo muito complexo e delicado dentro do defasado sistema penitenciário brasileiro. Segundo dados do Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias, a população carcerária no Brasil no ano de 2016 era a 3º maior em todo o mundo, com aproximadamente 726.712 encarcerados. Destes, cerca de 40% ainda não tinham condenação judicial e mais da metade é de jovens entre 18 e 29 anos de idade. Somente com esses dados, observamos dois importantes problemas: um que diz respeito a celeridade dos julgamentos criminais e sua resolutividade; e o segundo relaciona-se com o abandono e a insuficiência do Estado, em prestar o apoio e auxílio à população jovem, em especial a negra e marginalizada das nossas cidades.

Quando retrato na poesia, sobre as condições desumanas às quais os detentos estão submetidos, o mesmo relatório acima apresentado não me deixa mentir ao concluir que 89% da população carcerária estão reclusas em unidades superlotadas, e que, 78% dos estabelecimentos penais têm mais presos que o número de vagas. No tocante a taxa de ocupação (quantidade de presos por vaga), observou-se uma ocupação 197% maior no Brasil e, apresentando a pior taxa entre os estados, o Amazonas apresentou simplesmente 484% de ocupação das unidades prisionais. Tá pouco ou quer mais?!

Então vejam, que para além da situação caótica que o terceiro lugar nesse ranking mundial nos coloca; para além da omissão do Estado em prover aos seus cidadãos e cidadãs condições básicas e elementares para que não entrem no mundo do crime; para além da situação de insegurança pública em nosso país, que se expressa, em partes, nesse alto número de carcerária; precisamos nos preocupar, também, com a política carcerária e implementação de uma profunda reforma do sistema prisional em nosso território. Você pode ser um daqueles(as) (espero em Deus que não), que acredita que criminosos não devem ser tratados como seres humanos “comuns” em nossas penitenciárias, que eles não devem ter direito a questões básicas e primárias, pelo fato de terem cometido crimes em nossa sociedade.

Questões como essas, levantam uma importante inquirição, como o que fazer para reduzir a larga taxa

de reincidência criminal no Brasil? Como evitar que os criminosos que são soltos, voltem a cometer crimes do lado de fora e voltem a contribuir com a superlotação prisional? De longe, ainda temos a resposta para essa pergunta, ou ao menos, ainda não conseguimos transformá-la em resultados palpáveis. Talvez, quem sabe, se levarmos mais a sério a qualidade de vida dessa população dentro das penitenciárias (já que do lado de fora não obtivemos sucesso por “enes” motivos); Se observarmos e trazermos para o nosso país, nem que a passos de tartarugas, referências como as da Noruega, onde a taxa de reincidência é de aproximadamente 20% (uma das menores de todo o mundo), possamos caminhar rumo a dias melhores.

Portanto, no lugar de saídas fáceis e desconectadas da realidade, é preciso o debate e discussão sobre uma profunda reforma do sistema penal e prisional do nosso país, sem se desgarrar, obviamente, dos direitos inerentes e fundamentais a todos seres humanos, para que eles não precisem estar lá dentro, contribuindo com essa triste realidade.

CONSTRUA
AQUI
SUA POESIA

Reforma Agrária JÁ!

Conclamamos os camaradas
Para preparar o plantio.
De uma semente que germina
E elimina o que é sombrio.
Que sustenta a tradição
De zelar pelo plantio.
Do trabalho que alimenta
E acaba com o vazio.
Pois só extinguindo a fome
O mundo fica mais sadio.
E mantendo o solo fértil
Valoriza seu feitiço.
Sem usar o tal veneno
Que a água poluiu.
Matou todo terreno
Sem lembrar como o serviu.
Deixara o povo sem comida
Bem doente e febril.
Respeitando a natureza
Que com ele é gentil.
E por isso entrega a terra
O seu mais profundo brio.
Retirando seu sustento
Até o tempo de estio.
Sem esmorecer na luta
Contra quem sempre o feriu.

Pois a tal monocultura
Essa nuca lhe serviu.
Faz “comida para todos”
Ser 1° de abril.
Por lutar pelo seu povo
O compromisso assumiu.
E cobra o direito à terra
Que a constituição o garantiu.
Vendo na luta popular
O que a elite encobriu.
E essa elite assustada
Vê queimando o pavio.
Ela sabe que não aguenta
Com o formigueiro que buliu.
Pois é pequena se está só
Mas gigante quando se uniu
A unidade é a bandeira
Desse povo tão bravio.
E essa união vai prosperar
Pra ver tudo melhorar
Com a Reforma Agrária JÁ!
Pra transformar o meu Brasil.

E essa união vai prosperar
Pra ver tudo melhorar
Com a Reforma Agrária JÁ!
Pra transformar o meu Brasil.

Vitinho Gouveia e Luan Gonçalves

Nota sobre a poesia

A luta em defesa do reconhecimento, valorização e direito de trabalhadores do campo é tão antiga quanto a nossa história.

Fala-se que a desigualdade social iniciou quando a primeira pessoa cercou uma área e a teve como sua.

Uma análise crítica acerca da apropriação da terra e produção de alimentos mostra conflitos, interesses e contradições em luta por uma visão de mundo.

É comum pensar esta produção como uma forma de responder as demandas de mercado, ou seja, como um reforço ao modelo de ajuste do indivíduo às concepções hegemônicas de manutenção das desigualdades e injustiças sociais através da mercantilização das pessoas e do trabalho em um sistema geral de troca destas agora mercadorias.

Apesar da manutenção de um sistema de produção rural com base na hegemonia herdada, também é possível identificar projetos contra hegemônicos levantados por trabalhadores cujo objetivo é entender as condições históricas que produzem e reproduzem o próprio sistema capitalista. Esta concepção contra-hegemônica objetiva superar as divisões sociais produzidas pelo capitalismo através de uma reforma da distribuição de terras, visando o fim das desigualdades sociais e conseqüentemente, a garantia da alimentação e todos os benefícios que ela traz ou

ajuda a trazer, a todas as pessoas.

Com este mote, a defesa desta garantia supera a dimensão classista ou partidária, tornando-se uma demanda humana necessariamente inerente a todas as pessoas.

Vitinho Gouveia

CONSTRUA
AQUI
SUA POESIA

Mesmo que na pele eu não sinta

Como deve ser difícil
A vida da nossa população LGBT
Mesmo que gay ou lésbica eu não seja
Isso não impede que eu possa ver
Como sofrem e choram as pessoas
Que ao mundo vieram diferentes de você

Mesmo que na pele eu não sinta
Não deve ser difícil de imaginar
Em algum momento da sua vida
Teve que pelo simples respeito, lutar
Imagina aí agora, travar essa luta diariamente
Como uma forma de se fazer ouvir, se fazer enxergar?!

Mesmo que na pele eu não sinta
Não deve ser difícil de imaginar
Caminhar pelas ruas de mãos dadas com o medo
Pois, infelizmente ele teima em não largar
Pelas histórias e vidas já ceifadas
Pelo preconceito e lgbtfobia que “vive a matar”

Mesmo que na pele eu não sinta
Não deve ser difícil de imaginar
Viver temendo a recepção do outro
Ser motivo de olhares tortos onde quer que vá
Pois nessa sociedade heteronormativa
O que disso diferente for, tem que se julgar e condenar

Mesmo que na pele eu não sinta
Não deve ser difícil de imaginar
Como devem sofrer para além do físico

A dor que as armas usadas, em suas mentes deixará
Que golpes à facadas e pauladas
Teimam milhares de vidas diariamente vitimar

Mesmo que na pele eu não sinta
Não deve ser difícil de imaginar
Como devem padecer com a injustiça
Que em nossa sociedade não pára de operar
Onde livres estão os criminosos
Que por motivos torpes, suas vidas estão a matar

Mesmo que na pele eu não sinta
Não deve ser difícil de imaginar
Não poder demonstrar amor a quem se ama
Pois do outro lado terá sempre alguém a apedrejar
Sonho com o dia em que eles e elas, livremente
Não terão medo de ser amada e de amar

Mesmo que na pele eu não sinta
Não deve ser difícil de imaginar
Ser condenada à humilhação e a vergonha
Por sentimento ao mesmo sexo demonstrar
Naturalizar o ódio a um sentimento tão bonito
Que é o nobre ato de dar amor, de amar.

Ei, você mesmo coberto de intolerância
Olhe para os lados, não só para a frente
A você, cabeça de formiga
Vou lhe dar um aviso, abra logo a sua mente
Pois ao contrário do que sua ignorância pensa
É normal, é natural ser diferente

E contra o ódio que mata
Finalizo meu repente com meu desprezo
A uma gente que destila toda sua raiva
Por culpa de um nojento e pobre preconceito
É válida toda forma de amor, de amar
Desde que seja pautada no real cuidado e respeito.

Nota sobre a poesia

Sim, mesmo que o autor na pele não sinta, ele consegue ter a sensibilidade de enxergar o outro e a sua dor. Essa poesia me fez voltar a minha adolescência, quando aos 15 anos uma amiga muito próxima da família me encontrou com a minha então companheira, e na mesma hora fora contar para os meus pais que “Monique namorava uma mulher, que Monique é sapatão”. A partir desse momento, em fração de segundos, minha vida se tornava o verdadeiro inferno!

Fiz o enfrentamento, confirmei para os meus pais que “sim, sou lésbica, mas a minha condição sexual não interfere e nunca interferirá no meu caráter”. Antes mesmo de concluir minha fala, senti o peso das mãos da minha mãe pela primeira vez em meu rosto. Senti escorrer um pouco de sangue da minha testa, (ferimento causado pela aliança que ela usava...) Senti dor, senti medo, senti angustia, mas não senti raiva dela, nem naquele dia, nem nos dias que se passaram. Não senti raiva quando ela me tirou da escola naquele ano e me deixou em “cárcere privado” tudo pelo meu bem, pois a sociedade não iria aceitar que ela tivesse uma filha lésbica, e eu sempre afirmava “a sociedade terá que aceitar, ela terá que respeitar, pois eu sou lésbica”.

Eu imagino o quão difícil foi para a minha mãe, criada por seu patrão evangélico, casada com meu pai, machista, alcoólatra e agressivo. Imagino quão difícil foi, pois ela foi criada nessa conjuntura patriarcal, racista, machista, opressora, homofóbica... Como ela iria expli-

car para a sociedade uma filha “invertida”? Uma mulher de tantas lutas e conquistas, a igreja era tudo o que ela tinha como referência de “família”.

Falando em igreja, a mesma instituição religiosa propôs a ela que me levasse uma vez por semana para um tratamento espiritual, e eu não me neguei a ir, sabia que aquilo nada iria mudar, como de fato, não mudou! Tudo mudou, quando um certo dia ela me viu ser ameaçada por uma senhora, mãe de uma aluna do colégio em que eu estudava. Essa senhora veio até a minha porta dizer que sua a filha (minha colega) estava com comportamentos estranhos e tinha meu nome escrito no caderno dela. Sim, eu era a má influência no colégio, por ser lésbica. Daí então, minha mãe entrou como leoa em minha frente e me defendeu, como ela sempre fez.

Até os dias de hoje me lembro de suas palavras naquele dia: “Se eu não amar a minha filha, quem mais irá amar?”. Lembro-me de quando voltei à escola, além dessa mãe que me culpava pelo comportamento de sua filha, (que sequer era do meu ciclo de amizade), muitas professoras e professores abertamente faziam piadas de péssimo gosto e muito violentas para me atingir, lembro-me que naquele momento apenas uma, uma mesmo - ainda que não sentisse - teve a sensibilidade de enxergar o quanto tudo aquilo doía em mim, o quanto tudo aquilo estava me fazendo definhar emocional e psiquicamente. Naquele momento eu não tinha mais amigos, refiz todo o meu ciclo de amizade,

meus parentes me julgavam dia e noite. “Se eu não amar, quem mais irá amar”? Essas poucas palavras foram um importante conforto para que pudesse continuar forte.

Ser Gay, Lésbica, Travesti, Trans aqui no Brasil é muito difícil! A luta é diária, vivemos no país que mais mata LGBTs no mundo todo - um, a cada 19 horas é morto brutalmente em nosso território - pelo simples fato de amar, de ser, de sentir diferente um sentimento tão bonito, de forma diferente da maioria.

Somos mortas(os) à paulada, facadas, estrangulamento, e de várias outras maneiras, e não viramos notícias na TV nem revolta social. A sociedade não quer saber quantos de nós temos morrido, estamos simplesmente jogados à sorte, mas ela não está a nosso favor!

Sem contar das agressões físicas e psicológicas que sofremos dia-a-dia é muito difícil ser LGBT no nosso país!

Outro ponto muito importante e delicado de se discutir, é sobre o suicídio que vem aumentando vertiginosamente nos últimos anos, principalmente na população jovem, e um dos motivos centrais dessa fatal realidade, é a falta de aceitação dos pais, a falta de amor e carinho e o medo de nunca mais tê-los de volta, pois estes não querem perder a família, mas a família não parece se importar com aquela dor.

A Bahia é o 3º estado que mais mata LGBTTS no país, precisamos falar sobre o amor lésbico, Gay, trans...

Mesmo que na pele você não sinta, tente enxergar, tente sentir o amor de viver em uma sociedade justa e sem ódio!!

Paula Monique Santos Oliveira

CONSTRUA
AQUI
SUA POESIA

O caos sobre rodas

28 de Maio de 2018

7 dias sem caminhão na estrada

O tempo passando, e nada se acertando

O povo cada dia mais preso "dende" casa

E que diabo é isso que tá se procedendo?

Perguntô o senhor

É pouca vergonha de “duas raças”, meu tio.

Respondeu o trabalhador

Mas que diabos está falando, meu fi

Retrucou seu José

Falo da elite e de alguns políticos

Que a felicidade e o sorriso do povo num quer

Mas não é pra trabaiair pra noiz que eles estão lá?

Na certa, pra isso seria

Mas será que é mesmo o nosso voto

Que dá a eles essa alegria?

O jogo é muito mais complexo, seu José

É raio da cilibrina

É água que passarinho num bebe

Que tira o pão e o leite da boca da minha menina

Pelo aumento da gasolina e do álcool

Segunda-feira, dia 21 eles pararam

Aí “os eixo” do caminhão tudim,

Por eles ou pelo patrão, encostaram.

Encostaram e de lá pra cá não mais saíram
Fulano disse que um dia não ia durar
Só não contava com a má vontade de um desgoverno
De toda essa conta com o povo acertar

Mas quem tá mesmo por trás desse pano?
Ou tu achas que não tem ninguém?
Duvido, como dois e dois são 4
Que ai tenha mão de alguém que quer o nosso bem

Ô se duvido! E digo mais ainda
O povo, que é a roda, o motor e o gás
Desse caminhão chamado Brasil
Não vai sentado nem no banco de trás

Isso porque os interesses de Temer e companhia
Não é atender as nossas necessidades
Pois melhorar a vida do povo sofrido
Ele não tem um pingo de vontade

Nessa questão aí “dos” petróleo
O seu papel na presidência não é do bom
É claro e notório o seu dever
De entregar tudim pra Exxon e Chevron

Com essa irresponsável política
De encarecer o nosso combustível
E dar mais lucro às multinacionais
Não parar tudo se tornou impossível

“Vou botar o brasil no caminho do progresso”
Foi o que ele disse assim que assumiu
Me perguntas onde está mesmo o progresso
Te respondo: ninguém sabe ninguém viu.

Agora taí, supermercado sem comida
Hospital sem remédio pro doente
O medo e a dúvida tomando conta
Do coração de toda nossa gente

Gente que caiu no conto da carochinha
Disseram que a culpa era da esquerda, tadinha
Feito um pato amarelo
Engoliram fácil, fácil, essa estorinha

Falar nessa gente que “emburreceu” o processo,
Mesmo ganhando dinheiro até as canela
Por ódio de classe e egoísmo doentio
Foram pra rua bater panela

Panela que desde o golpe não mais usou
Não sei ao certo porque sumiu
Será que ficaram com vergonha
Ou deram pra ela uma dose de doril?

Ah! Como eu queria ver cada um desses fi de Jesus
E mandar um recado “pruzuvidos” seu
Pois quem se quebrou com tudo isso não foram eles
Mas sim, o povo pobre meu

Tava tudim escrito la na tal “ponte pro futuro”
Sabíamos o que ia acontecer, o que é pior!
Desse jeito eu prefiro o regresso
Com certeza é bem mior.

O que me deixa mais preocupado
É que a luta popular se acalmou
A força e inteligência do povo,
Deu lugar a um silêncio sem pudor

Sabemos que o caminho não são as urnas
Mas é o meio que “ainda” temos, infelizmente
Ou viramos esse jogo
Ou vamos aumentar o sofrimento de toda essa gente

Vamo tentar, agora, fazer diferente
Porque outubro é logo ali
O voto é conquistado, consciente
Que é pros caminhoneiros
E o Brasil, poder em frente seguir!

Nota sobre a poesia

Acredito que todo brasileiro, excetuando àqueles, que pela insuficiência da idade e de capacidade de percepção e interação social, se lembram e, muito mais que isso, sofreram com as consequências da greve nacional dos caminhoneiros que aconteceu em meados de junho de 2018. Como não faço parte daquele grupo que, por motivos naturais, não conseguem discernir os acontecimentos e fatos, resolvi escrever sobre a paralisação em forma de poesia.

Como pontuei no início desta obra, as questões políticas e sociais do nosso povo me instigam bastante. E se tem uma coisa que não falta nessa temática (greve nacional dos caminhoneiros), é o viés político. Uma questão muito importante e que não pode deixar de ser abordada, é a nova política de preços do petróleo, gás e combustível de uma forma geral, dentro da maior estatal do país, a Petrobrás, que acarretou no aumento logarítmico no valor final do combustível pago pelo consumidor na bomba dos postos, fator que incendiou e motivou a orientação por parte do empresariado (seus patrões) a levantarem os eixos e suspenderem as entregas em todo o país.

Portanto, “o caos veio sobre rodas” retrata, de forma superficial, as causas e consequências dessa que foi uma das maiores greves de uma categoria de todos os tempos em nosso país.

CONSTRUA
AQUI
SUA POESIA

O nordeste não é só sofrimento

O Nordeste brasileiro
Não é só seca, só lamento
É sorriso no rosto, esperança
É muita coisa boa em crescimento
É campo verde, água viva
E desse jeito não há quem diga
Que o nordeste brasileiro é só sofrimento

É beleza dos mares, dos rios e matas
Das atrações turísticas vem o faturamento
Dos passeios nas dunas, nas piscinas naturais
Os caba sabido tira seu sustento
É lindeza a mais de milha
E desse jeito não há quem diga
Que o nordeste brasileiro é só sofrimento

É destino certo de quem quer “as vista” limpar
Mesmo investindo alto não há arrependimento
A hospitalidade do povo nordestino é contagiante
Não deixa tu ficar triste um só momento
Por aqui não tem fadiga
E desse jeito não há quem diga
Que o nordeste brasileiro é só sofrimento

É canto de muita comida boa à mesa
Com a culinária fazemos o conagraçamento
Do acarajé da Bahia à peixada maranhense
De saliva a tua boca vai se enchendo
Aqui vive feliz nossa barriga
E desse jeito não há quem diga
Que o nordeste brasileiro é só sofrimento.

Dos seus artistas, músicos e pintores
A sua riquíssima cultura, o seu emponderamento
Do forró, do baião e do xaxado
Marcas de quão farturento é o seu talento
De cultura a ninguém noiz mendiga
E desse jeito não há quem diga
Que o nordeste brasileiro é só sofrimento

Da alegria a mais de metro
Mesmo diante do aborrecimento
Encaramos a mazela de peito aberto
Sem fazer muito lamento
E mandamos para casa da tiriça
E desse jeito não há quem diga
Que o nordeste brasileiro é só sofrimento

Por aqui não há só pobreza e miséria
Como pregam alguns lazarento
É riqueza, acima de tudo de alma
É sorriso no rosto e amor sem constrangimento
É fé em Deus e na mandinga
E desse jeito não há quem diga
Que o nordeste brasileiro é só sofrimento

É acreditar que mesmo na seca
A chuva com nosso chão fará o casamento
Para lavar e levar da nossa alma
Todo e qualquer arrependimento
De sair e não voltar pra essa terra rica
E desse jeito não há quem diga
Que o nordeste brasileiro é só sofrimento

É transposição do velho Chico
Vida que chega com a velocidade do vento
Águas que banham o solo
Fazendo nascer a laranja, a mandioca, o coentro
É comida pro menino e pra menina
E desse jeito não há quem diga
Que o nordeste brasileiro é só sofrimento

Nota sobre a poesia

Estamos acostumados(as), mesmo que em caráter oportuno de protesto, a ler poesias que retratem os dramas e as calamidades do povo e do chão nordestino. A seca ainda é, e será por muito tempo, cenário vivo em nossos sertões nordestino, porém, não é a única coisa digna de versos e rimas que encontramos por aqui, nem podemos, em paralelo, romantizar o solo rachado e o sofrimento do povo nordestino.

Com isso, apresento de forma simplificada, um pouco do nosso povo, da nossa alegria, do nosso jeitinho todo especial de lidar com o irmão, de lidar com os problemas do nosso cotidiano, por meio desta poesia que compus ainda lá em 2014.

Quando escrevemos sobre o nordeste, seu povo e suas mazelas, é no intuito de mostrar um pouco da nossa cultura de maneira crítica e chamar a atenção para o disparate social e econômico que existe em nosso país, onde territórios historicamente privilegiados por ações e intervenções estatais, continuam tendo grande atenção dos governantes, enquanto que o nosso povo guerreiro retira dos confins desse solo mapeado, a força pra seguir em frente e construir novas histórias e paisagens, me possibilitando escrever poesias para além do choro e tormento do nosso povo e nossa terra.

CONSTRUA
AQUI
SUA POESIA

Ganância que dá ânsia

Até quando nossos direitos serão vendidos
Com cruel arbitrariedade retidos
Para atender as “necessidades” gananciosa
De 1% da gente dessa terra grandiosa?

Até quando a vida perderá diariamente seu valor
Dando espaço a cobiça sem pudor
Que põe à margem os direitos sociais
Para bancar a conta dos grandes liberais?

Liberalismo que quer ditar o rumo da nação
Ajustando suas contas para o patrão
Que enxerga no trabalhador a sua fonte legal
De ampliação e acúmulo do capital

Até quando aceitaremos as entradas ilícitas
Das grandes empresas turistas
Que vêm aqui só para explorar
Aplicando seu projeto de tudo entregar?

Nossa natureza é vitimada pelo destruímento
Ampliado diariamente pelo vasto desmatamento
Para atender a ganância do acúmulo de riqueza
E deixar milhões de brasileiras no centro da pobreza

Até quando o colonial reviveremos
Onde a pseudodemocracia em que vivemos
Não passa de um regime ditatorial
Que nos faz lembrar que a liberdade é irreal?

Ditadura que nos afasta da sonhada democracia
Nos aproximando da famigerada plutocracia

Que impõe as regras do jogo doloroso
Jogo sujo que destrói diariamente a vida do nosso povo

Plutocracia revelando o tamanho da crueldade
De priorizar seus desejos ao invés da sociedade
Deixa de lado a saúde, a educação
E aprofunda ainda mais o sofrimento da nossa nação.

Até quando mal comunadas andarão os três poderes
Para defender seus interesses com canetas e malhetes
E virar as costas para o povo operário
Que é quem, de fato, pagam seu largo salário?

Até quando o povo não compreender
Que é dele que emana o poder
E que é para ele, que o legislativo,
O executivo e o judiciário
Tem que exercer o seu trabalho.

Até quando conseguirmos enxergar
Que em 2016 o golpe não foi militar
Mas veio do mesmo imperialismo cruel
Que sempre quis, de nós, as riquezas Roubar!

Acorda POVO, ou seremos mais uma vez engolidos
pela “GANÂNCIA QUE DÁ ÂNSIA!”

Nota sobre a poesia

A inspiração para construir esta poesia veio, infelizmente, dos grandes projetos neoliberais – projetos esses amparados e tocados pelos velhos neoliberais da bancada no congresso nacional e senado – que têm como objetivo central, transvestir o antigo liberalismo insustentável, com uma roupagem menos depreciável aos olhos da política nacional e da tirania e plutocracia amplamente posta em prática nos mandatos parlamentares dos “nossos representantes”.

O Neoliberalismo (como o próprio nome diz, nova faceta do liberalismo), vem para organizar e estruturar o aparelho estatal às necessidades do mercado e da política externa, secundarizando, conseqüentemente, os projetos de crescimento interno e a busca pela soberania nacional. Desta forma, as pautas do dia para essa gente, sempre será atender os interesses daqueles que lá dentro os colocaram (que para a grande maioria dos políticos, não foi o povo), esquecendo-se das demandas que dizem respeito às necessidades internas da nossa política. Ou seja, as grandes empresas internacionais, multinacionais do petróleo, do gás, da madeira, do minério, das águas, estão diariamente decidindo projetos para um suposto “crescimento nacional” e fortalecimento da nossa indústria. Vocês acreditam nisso? Tampouco eu!

A indústria bélica e a indústria do agronegócio, por exemplo, faturam milhões e milhões de dólares às custas do discurso de armamento da população como

forma de garantir a segurança pública da mesma, e de que o “Agro é POP” e que deve ser, SIM, amplamente incentivado, ao passo que o fortalecimento da agricultura familiar, o emponderamento do trabalhador e da trabalhadora do campo como peças-chaves no crescimento nacional e de sua soberania na produção de alimentos que alimentam, ficam cada vez mais rechaçados e relegados a último plano, dentro dessa complexa e sórdida indústria do campo.

Portanto, a ganância que dá título a essa poesia, representa a forma mais rasteira e suja com que o ser humano busca a acumulação de riquezas e privilégios, enquanto milhões e milhões de outras pessoas precisam sobreviver com as migalhas que de suas mesas caem. Chega! Por um Brasil soberano, por um povo livre, por uma sociedade justa e equânime.

CONSTRUA
AQUI
SUA POESIA

Eleições 2018

Já falei de amor
Pobreza e gratidão
Desigualdade e injustiça
De tudo que toca o meu coração
Mas vou falar pro povo
Das eleições 2018
Aquela que ditará o futuro dessa nação

Pois é, minha véa
2018 chegou
E com ele a copa do mundo
Que inclusive pro Brasil foi um terror
Mas quero falar é mesmo
Do que digitaremos nas urnas
Que mudará a vida de andarilhos ao dotô

Voltando só um pouqim
Pra modi a gente contextualizar
E colocar todos os pontos nos “i”
Pra nós não simplificar
Um negócio tão complexo
E na sociedade é reflexo
Que é a forma desses caba governar

Na década de 60
Após Getúlio e JK
As coisas começaram a sair dos eixos
A vida do povo começa a mudar
Os direitos foram tirados

O querer do povo cerceado
A mando da ditadura Militar

Após 25 anos de censura
De vidas que não os importara
Torturas com afogamentos
Choque, estupro e pau de arara
De corpos presos no escuro
Os longos anos de chumbo
Chega ao fim de sua estrada

Na década de noventa
Veio o neoliberalismo
Como o próprio nome diz
Uma nova roupa do fascismo
Que teimava tudo entregar
Nossas riquezas nos tirar
Para doar ao imperialismo

Imperialismo norte americano
O mesmo que comandou o período militar
Desarma-se das armas de fogo
Mas os sabidos não consegue enganar
Vendem nossas empresas mais bacana
Pra que a preço de banana
Eles possam vir comprar

Enfim, antes de 2003
Só os dotô podia mandar
Pobre preto aqui não tinha voz
Nem podia sua vida miorá
Pois para esse povo chucro

Só sobrava as migalhas
Que da mesa do rico conseguiam escapar

O jovem preto?!
Esse não podia nem sonhar
Não tinha escola nem faculdade
Pra seu letramento aprimorar
A educação não era para todos
Pois isso é muito perigoso
Pra riqueza dos rico apequenar

No início do século
Tudo isso começa a mudar
Quando o projeto político pro povo
Começa a se aplicar
Mas isso não agradou os patrões
Imperialismo e chefões
Que daí em diante, só o queriam derrubar

Pra isso, comprou todo mundo
Deputados, era mais de dez por dia
Senadores, ministros
Tudo isso pra estancar a sangria
Que mais cedo ou mais tarde
Sujaria suas mãos
Pois a verdade o brasileiro saberia

E assim se assucedeu
2014 chegou
Perderam nas urnas outra vez
E assim o ódio se alavancou
Não satisfeitos

Com a derrota e o seu despeito
A democracia covardemente golpeou

Foi com o que “tinha direito”
Congresso, STF e tudo que precisaria
Para eles tava tudo perfeito
Como já disse, era só estancar a sangria
Já que no debate eles perderam
Colocaram o povo brasileiro
Pra propagar o que não devia

Foi difícil
Tem sido muito complicado
Provar ao povo brasileiro
Que o golpe foi muito bem orquestrado
E diariamente nos mostram o comprovante
De quão incomodada estava a casa grande
Pela vida da senzala ter mudado.

E de nada valeria
Se não finalizasse esse repente
Dizendo a você trabalhador
A você que é gente como a gente
Não perca essa oportunidade
De retomar o crescimento de verdade
Escolhendo muito bem o nosso presidente.

Nota sobre a poesia

Vejo a poesia como uma importante ferramenta de construção da criticidade histórica e social dos(as) indivíduos(as). Muitos poetas (dentre eles grandes renomados no cenário atual) se negam a se posicionar quanto as questões sociais e políticas do nosso país, temendo a perda de seguidores em redes sociais e consumidores de suas obras. Como disse em outra nota, sempre temos um lado, e nos omitir diante das iniquidades de nosso sistema, é de uma covardia incompatível com quem constrói poesias com intuito de transformar a vida das pessoas.

Quando trago a história política da nossa sociedade, como enredo das minhas poesias, sinto estar cumprindo lindamente a função social que essas escritas (em especial expressas nos cordéis) precisam exercer. Quando apresento em minhas reflexões, recortes históricos que tentam explicar “os porquês” de estarmos onde estamos, de enfrentar as mazelas sociais que enfrentamos, sinto estar preenchendo um importante papel de gerar a curiosidade e o incômodo nos leitores. Lembre-se que a zona de conforto não nos fará avançar na busca pelo conhecimento contínuo! Portanto, fazer uma reflexão da intervenção militar norte americana, intervenção essa mantida em nosso território até os dias atuais (sem uso explícito de armas como se deu nos anos de chumbo), nos faz considerar um dos porquês de ainda sermos uma nação submissa e subserviente aos interesses e mandos do imperialismo

estadunidense. A política impressa por muitos políticos do atual cenário, deixa cada dia mais clara essa intromissão externa nos rumos e decisões que acontecem no planalto central.

Quando, por exemplo, incentivam a entrada das empresas estrangeiras na exploração do petróleo do nosso pré-sal, o que ser isso senão entrega das nossas riquezas? Quando permitem a ampla abertura do complexo de saúde para os consórcios estrangeiros, deixando de lado os investimentos necessários para o fortalecimento da nossa saúde pública por meio do Sistema Único de Saúde, o que ser isso senão o atendimento de outros interesses que não é o mesmo do nosso povo?! Quando golpeiam pela segunda vez a nossa jovem democracia, destituindo do cargo políticos eleitos pelo povo democraticamente, e, por meio de um impostor conspirão, aplicar sua agenda de assalto aos nosso direitos e riquezas, o que ser isso, senão um golpe de estado muito bem orquestrado para levarem daqui o que é nosso? Porém, a retórica de abertura das fronteiras comerciais, de alargar as relações de comércio com os demais países, soa como uma boa música aos ouvidos da população.

Então, acredito que não posso me eximir de trazer essas reflexões e críticas em minhas poesias. Seriam palavras soltas ao vento e sem significado real, caso assim não o fosse!

CONSTRUA
AQUI
SUA POESIA

E como dói

E como dói sair do supermercado
Com o carrinho de compras bem cheio
E se deparar com crianças
Que no semáforo estão repletas de receio
De olhar, de pedir, de apontar
Pois o desumano vive a habitar
Nos corpos dos humanos a passeio

Como dói saber que aquelas crianças
Não tem sequer o direito de se alimentar
E vão para a rua buscar o pão
Mas acreditam que estão a brincar
Pois na infância o trabalho é brincadeira
A ingenuidade e inocência é rasteira
Diante da cruel realidade que estão a encarar

Com a sensibilidade humana que Deus me deu
Fui até lá com eles conversar
Tentar entender o real motivo
Que nos semáforos os fizeram chegar
Já sabendo da triste verdade
Que a desigualdade que nos invade
É a motivação que os fizeram estar lá

Uma bicicleta, uma “chinela”, no máximo
O que comprariam com o dinheiro a juntar
Exalando sonhos tão pequenos
Quanto suas pernas que corriam pra lá e pra cá
Entre os carros e busões
Batiam fortes os seus corações
E o meu, o meu só fazia apertar

Enquanto isso seus pais estavam na labuta
Em meio ao lixo catando plástico e papelão
Pulsando para manter vivo o sonho
De alimentar o corpo dos seus que pra rua vão
Que precisam nos semáforos da vida estar
E a renda de casa complementar
Pra não se alimentar do que vem do lixão

Presenciei ainda, a ignorância do próximo
Seu irmão que em nosso Senhor se faz verdade
Mas que nas faixas de pedestres da vida
Demonstram a essência da sua crueldade
De fechar o vidro ao pequeno
E negar-lhe sua forma de sustento
Dentro desse sistema vil cheio de maldade

De negar ao ingênuo uns trocados
Um simples pedaço de pão
Pão que brutalmente lhe faz alguém
Mesmo sendo esmola, de grão em grão
Que vai se juntando aos outros
Para tentar encher aos poucos
Seu desejo de fazer do sonho uma realização

Consegui ouvir saindo de suas bocas
A esperança do real
De um dia mudar de vida
E buscar pra si o que acha ideal
Relatando seus desejos
Dos três, o menor dizendo primeiro
“Eu quero mesmo é ser policial”

Indaguei então, motivado pela curiosidade
O porquê dessa profissão
Diante de toda controvérsia que os envolve
De como age com os mais pobres da população
Obviamente, nas marcas do que se sente
Me respondeu enfaticamente:
“Pra matar traficante e prender ladrão”

Depois dessa resposta fria
Outra vez o sinal está fechado
Lá vão eles correndo entre os automóveis
No malabarismo meio desajeitado
Com pau e pedra nas mãos
Vão ouvindo outros vários “nãos”
E eu, então, me vejo revoltado

Revoltado com um sistema animal
Que exclui, que mata, aniquila
Marcas de uma organização funesta
De um modelo de produção capitalista
Destruindo a cada novo ser
Cobrando que exerça o seu dever
Sem ter sua necessidade atendida.

E assim, regresso ao ponto de ônibus
Vendo-os ocupando na sociedade sua margem
Substituindo seu tempo de brincar e estudar
Para fazer todo dia essa viagem
Queria esquecer do que fosse
E então pego o 412
Com os olhos feito barragem.

Nota sobre a poesia

Essa história, assim como as demais, retrata a triste realidade que vivenciamos diariamente em nossa sociedade: o descaso por parte do Estado, às opressões e desigualdades em suas várias facetas. Porém, essa história guarda uma característica própria: a escrevi após ter sido um dos atores coadjuvantes desse enredo, pois os atores principais, obviamente, foram eles.

Em uma das minhas idas ao supermercado, nos longos cinco anos de graduação na cidade de Maceió/AL (uma das capitais mais desiguais do Brasil), fui tocado por uma cena lamentavelmente naturalizada, em especial, nas grandes cidades do país: crianças pedintes nos semáforos. Breves dois minutos foram suficientes para me fazer viver falas, gestos e sorrisos que marcaram para sempre minha vida, e foram eternizadas nos simples versos que acabaram de ler. Sonhos e desejos tão pequenos (pois teoricamente fazem parte dos seus direitos básicos e elementares como seres humanos), contrastavam-se com gargalhadas e sorrisos largos e brincadeiras sadias entre si.

Iniciei o diálogo perguntando a eles, o que faziam na rua àquela hora da noite. Um falou bem alto: “quero comprar uma bicicleta”. Que baque, não?! Então, o segundo mais vivido, disse a mim: “tamo aqui pra juntar dinheiro e comprar nosso material da escola”. Segundo a Constituição Federal de 1988, educação é um direito de todos e dever do Estado, que deve lançar

mão de políticas públicas que possibilite o alcance do pleno exercício de tais direitos. Onde estava mesmo o Estado, que não viu aquele direito ser ferozmente ferido pelas garras da desigualdade social?! Além disso, como pode, uma, duas, três crianças, que inocentemente encaram a desigualdade como algo normal - sem perceber o tamanho da injustiça a que estão sendo vítimas - serem responsáveis pela busca do cumprimento dos seus direitos?

Por fim, o terceiro que vestia apenas um short escolar, sem camisa e calçado, me falou: “vou juntar um dinheiro para comprar uma chinela, que a minha quebrou”. Falas tão marcantes e tristes, que até hoje, dois anos após, vive frescamente em minha mente.

Após alguns instantes, quando sinal verde abriu espaço para mais 2 minutos de suplicação, fui para o ponto de ônibus - ainda mais reflexivo e revoltado com as estruturas desiguais dessa sociedade - pegar o transporte público para regressar à minha casa.

CONSTRUA
AQUI
SUA POESIA

Difícil vida do povo brasileiro

Abro o zói todo dia diferente
Durmo esquecido, me acordo “alemrado”
Que estamos em meio a enchente
Onde como uma água carrega, feito tempestade
Os sonhos, os direitos,
A alegria de toda minha gente

E então me arreto, me levanto da cama à combater
Certo da necessidade de desarmar
As arapucas e o desmantelo desse poder
Que acredita estar fazendo o certo
Retrocedendo do céu ao inferno
Para os seus interesses defender.

E sim, bem direitinho estão a fazer
Para aqueles que lá dentro os colocaram
Rezando sua cartilha de A a Z
Pois se engana iludido
Que só com o voto na urna imprimido
Está garantindo nosso direito e nosso dever

Teoricamente assim era pra ser
Numa democracia ideal, séria
Onde do povo emana todo o poder
Com as ferramentas que tem em suas mãos
Fazer a poeira sair desse chão
E buscar uma sociedade justa pra se viver

Mas somos nós apenas um pressuposto
Para que lá dentro eles estejam
Mas no fundo somos grande encosto

Que o aperreia noite e dia
E aproveita os dias de folia
Para aplicar a sua agenda com nosso imposto

Diante disso eu não me calo
Um só minuto sequer
Brado de manhã cedinho com o galo
Pra não ser triste o meu destino
Como um velho guerreiro nordestino
Não ser mais um guiado pelo chocalho

E acho que tô fazendo o bem
É contra uma lógica desumana
Que pouco se importa com a dor de outrem
E que com ações e atitudes egoístas
Roubam do nordestino ao sulista
O sonho de ser alguém, de viver bem

Nosso povo tá cansado, não acredita mais
Pois de dois em dois, de quatro em quatro,
Reaparecem com as promessas eleitorais
Chega pertim de noiz, como em um grande teatro
E nos faz rir, como fazem os palhaços
Nos prometendo coisas surreais.

Depois de virar as costas, a desgraçeira tá armada
Quando volta aos seus ricos gabinetes
Se esquece que passou por nossa estrada
E como alguém que tudo esquece
Parece que a memória então desaparece
Apagando toda aquela promessa falada
É uma sina de morte a nossa sentença

De acreditar e confiar
Seguida de desilusão e de descrença
Que toda temporada de campanha
Tá tudo armado, o povo só apanha
Arruinando ainda mais a nossa pobre crença

Ainda vem um que se acha presidente
Se achando o dono desse chão
Desmantelando a vida de toda essa gente
Destruindo o pouquinho conquistado
Como um furacão fazendo maior estrago
Assim tão de repente

Daí me alembro de toda aquela gente
Que há pouco batia panela em sua sacada
Fazendo uma zoadá dos diabos em nossa frente
Pra destituir a mulher que foi eleita pelo povo
Ela sim, escolhida na urna de novo
Ela sim, eleita democraticamente.

Me alembro e me pergunto onde estão
Onde estão com todo aquele ódio e vontade
De tirar do povo pobre uma leve progressão
De fazer novamente um Brasil “pra” poucos
De colocar milhares de almas no sufoco
Uma terra de indigentes, aumentando a exclusão.

Me alembro e me pergunto onde estão
Será que voltaram para os “estaites”
Para nova York, Flórida, ou Japão?
Só sei que sumiram, se fazem de desentendidos
Como suas panelas, ficaram enrustidos
Não sei se de vergonha ou por descarção.

Na realidade eu sei, tô me guardando
Pois aqueles que também apoiam ditadura e o tra-
balho escravo
Só deve estar do outro canto
Onde os hipócritas sorriem de nossa cara
Ironizando nosso grito, nossa fala
Tirando diariamente da nossa vida todo encanto.

Sou trabalhador e não desfruto das riquezas do país
Mesmo sendo eu quem a produzo
Só me resta o pó daquele giz
Para escrever no quadro da minha vida
Que de alegria e paz foi desprovida
O pouco conquistado diante de tanto que fiz.

Pois é cumpade, é difícil a vida do povo brasileiro
Que lá atrás foi colonizado e explorado
E ainda hoje, é assaltado pelo império estrangeiro
Que nos tira o que por direito é nosso
Pra bancar o privilégio vosso
E provar o quanto é difícil a vida do povo brasileiro.

Nota sobre a poesia

“Abro o zói todo dia diferente, durmo esquecido, me acordo alembrado que estamos em meio a enchente”... os dois primeiros versos da primeira estrofe desta poesia, procura retratar a triste e revoltante realidade a que estamos submetidos de constantes e “inesperadas” retiradas de direitos, ataques ao Estado democrático e desmantelamento de importantes pilares da organização social da nossa sociedade, como a seguridade social.

Quando ponho a palavra “inesperadas” entre suas aspas, não quero dizer que as retiradas de direito que esse governo nos impõe diariamente sejam casuais ou episódicas, mas sim, no sentido de não sabermos, ao certo, em qual raiar do sol iremos despertar com mais uma desagradável notícia nos telejornais e milhões de “story”, “status” e manchetes compartilhadas em nossas redes sociais.

Essa poesia desenha um pouco da minha/nossa indignação com o processo rasteiro e sorrasteiro que o imperialismo (leia-se banqueiros, multinacionais do petróleo, e grandes indústrias norte-americanas/europeias) lançou - por meio de seus bonequinhos - contra nossa democracia para quebrar-lhe as pernas, impossibilitando que a mesma continuasse de pé e a postos para impedir o golpe de Estado (o segundo em 60 anos).

CONSTRUA
AQUI
SUA POESIA

Pela vida delas

Ei, você mesmo
Você que se acha dono de alguém
Porque machucas tanto a ela
Se essa flor só faz o bem

É flor na beleza
Na pureza da alma no amor
Que cuida e ama como ninguém
E que cura do homem qualquer que seja a dor

O problema que agora vamos falar
É algo crônico, não vem de hoje
Há anos que essa sociedade doentia
Ceifa vidas femininas com o açoite

Açoite que surra corpos e almas
Dia e noite, noite e dia
Açoite do machismo, da ignorância
Do ódio expresso pela cruel misoginia

Você que levanta a mão para lhe ferir
E depois acusa um momento insano
Será mesmo que não consegues enxergar
Que ela acima de tudo é um ser humano?!

Que sente, que chora e que sofre
E carregará as marcas todo santo dia
Utilizar da sua força física superior
Não acha isso uma tremenda covardia?

Tire a mão dela, não encoste um só dedo
Não importa a sua relação de intimidade
Saiba de uma vez por todas
QUE ELA NÃO É SUA PROPRIEDADE!

Que fazes o que tu queres
Que tem que “comer em tua mão”
A mulher é dona de si, do seu corpo
Ser submissa ao teu querer, não é sua função

Você que pensa que “sua” mulher
Tem que ser como sua vó foi obrigada em sua relação
Entenda uma coisa de uma só vez
Quando ela diz não, é NÃO!

Você que teima em lhe tirar a paz
Em lhe fazer chorar e sofrer
Não é possível que não imagine
Que essa dor ela jamais irá esquecer

Não romantize o ciúme
Além do normal, é um sinal
De que o sentimento de posso ele tem
E que o fim não pode ser legal

Como pode achar normal
Destruir a vida de uma mulher
Que zela tanto pelo que tem
E ao seu lado está pro que der e vier?

Tem milhões dessas lindas guerreiras
Pois essa não está só
Te olhando com indignação e revolta
Lutando por uma vida melhor

Sem medo, ameaça, violência
Não só física, que machuca a carne com agressão
Mas, também aquela que não se vê
Que fala direto ao coração

Querem apenas andar sorrindo pelas ruas
E ter o direito do NÃO
Ter a paz de escolher o que quiser
Sem temer ser recebida com agressão

Agressão que destrói histórias
Vidas e almas febris
Nunca abra sua boca para dizer
Que se ela apanhou, foi porque ela quis

Ninguém, em sã consciência
Sente prazer em apanhar e sofrer
Não passa pela tua cabeça
Que ela pode não ter a quem recorrer?

A você, seu covarde
Vai aí o meu recado
Se ver tocar o dedo nela
Tu ao inferno serás convocado

Pois quem em mulher bate
Não terá o céu como rincão
Jesus lá não aceitaria quem agride
A mais bela da Sua criação.

A todos que já erraram,
Ou que pensam em errar
Só espero uma coisa:
Que o sol quadrado, tu passes a enxergar.

Estamos cansados de tanta violência
Imagine elas, que as sofrem diariamente
Você que é homem e está do lado delas
Junte-se a nós nessa corrente

Se veres algum tipo de opressão
Seja a mínima e efêmera que pareça pra você
Não se esqueça um só minuto
Quem a sofre, jamais irá esquecer

E a você que com essa poesia concorda
Compartilhe com todas, sem moderação
E DE UMA VEZ POR TODAS, CANTAR BEM FORTE:
MISÔGINOS, MACHISTAS, NÃO PASSARÃO!

CONSTRUA
AQUI
SUA POESIA

Cadê

Fico me indagando o tempo todo
Todo tempo quase sem parar
Onde estão os defensores da pátria
Os mesmos que do planalto, fizeram a esperança derrapar
Que com sorrisos cínicos no rosto
Gritaram em voz alta na casa do povo
“O nosso país nós vamos recuperar”

Esse sempre foi o slogan dos golpistas
A mesma coisa se deu no regime militar
Com a falácia de nos defender de uma ditadura comunista
Invadiram nossos portos e pelas costas a nos golpear
Se apossaram do poder por 25 anos
Até hoje sofremos com seus grandes danos
Principalmente com as vidas que não poderemos resgatar

Os inocentes dizem não saber porque
Os vividos, na ponta da língua sabem explicar
Os motivos que estouraram o segundo golpe de estado
Ao contrário do primeiro, esse não foi militar
Pois aqui não usaram armas de fogo
Não mataram diretamente o nosso povo
Foi tão silencioso que muitos não quiseram escutar

Foi um golpe de civis
De seres humanos gananciosos
Que manipulados pelo sistema egoísta
Quebraram das nossas pernas todos os ossos
Ceifaram lentamente a nossa crença
Com o apoio intenso da imprensa
Destruíram os sonhos de todos os povos

Destruíram sonhos que começavam a nascer
Sonhos que como um castelo de areia, desmoronaram
Sonhos de ascender socialmente na vida
Foram os mesmos sonhos que do golpe não esquivaram
E aquela fé e esperança
De fazer renascer o sorriso de uma criança
Das nossas mãos escorregaram

Devolva nossos sonhos, pátria amada
Nos traga de volta a alegria de sonhar
Não nos roube o que a Constituição nos assegura
Não queira mais uma vez, nossos direitos desmantelar
Faça-nos acreditar num dia novo
Faça-nos comer para além da farinha e ovo
E a dignidade humana, a nossa gente recuperar

Pois o que por direito é nosso
Por garantia constitucional é seu dever
Dever de dar vida digna ao nosso povo
E de nossas necessidades atender
Pois uma nação que se esquece do seu filho
Nega o cuidado à menina e ao menino
Ah, essa nação não merece crescer

Portanto, pra você vai meu aviso
Caba da pexete safado do alto escalão
Ou tu entras pra modificar o atual cenário
Ou tu não terás nosso voto na eleição
E não queira nos tirar de besta
Pois ao contrário do que tu deseja
Aqui terá muita luta e fiscalização

Pois o povo de bem não aguenta mais
Tanto descaso, tanta negligência
Ou partimos para a luta real
Ou ficaremos bem pertinho da iminência
De um colapso da saúde e educação
Da assistência não abriremos mão
Muito menos de emprego e previdência

E pra finalizar mais essa poesia
Dar um ponto final a esse repente
Te digo só mais uma coisa
Senhor senador, deputado ou presidente
Tu é muito importante para o Brasil
E teu erro não pense que ninguém viu
Pois é você quem decidirá o futuro de toda nossa gente.

Nota sobre a poesia

Quem não se lembra do espetáculo circense, que os deputados improvisaram na plenária da Câmara Federal em Brasília, quando votaram pelo impedimento da então presidente Dilma Rousseff no dia 16 de abril de 2018?! Acredito eu, que até os mais contrariados com o modo de governar da petista, se espantaram com tamanha pirotecnia e cinismo a cada voto “Siiiiim, senhor presidente”.

Naquele dia, aproveitaram alguns segundos de fama para tomar, de forma profana, o nome de Deus em vão, como forma de sustentar seus votos pelo impedimento da presidente, antes de darem, de forma impiedosa, o último golpe de misericórdia na democracia.

De lá pra cá, nos perguntamos onde estão cada um daqueles parlamentares e seus seguidores, que não bradaram feito pássaros, contra a DESTRUÇÃO do nosso Estado pelo desgoverno do Michel Temer, como destilaram litros e litros de ódio feitos serpentes altamente venenosas, contra a mulher eleita pelo povo. A defesa aqui, não é pela mulher Dilma Rousseff, nem pelo Partido A ou B, mas sim, pela vida da nossa jovem Democracia. Então pergunto nesta simples poesia: “Cadê?”.

CONSTRUA
AQUI
SUA POESIA

O desafio de ser Único

30 anos se passaram
30 anos de ameaça, de atentado
Contra um sistema de saúde
Com muita luta conquistado

Veio pra trazer a luz, a sociedade, uma esperança
Esperança de realização do direito
Direito a melhor qualidade de vida
Que tire pais e filhos do aperto

Aperto de não ter quem o cuidar
Dentro de um bruto sistema vil
De tanta injustiça, de tantas mentiras
1° de abril

Sistema Único de saúde
Em 1988 nascia o SUS
Que para universalizar e democratizar o cuidado
Surgiu para muitos como uma luz

Uma luz em meio às trevas
Que desde 64 oprimia, reprimia todo mundo
Que tirava o brilho dos olhos
De trabalhadores, para eles vagabundos

Até ali só tinha cuidado
O amparado pelo patrão
O trabalhador assalariado
Num sistema cruel de exclusão

Exclusão que matava, esculachava, marginalizava

Mulheres, crianças, idosos
Padeceriam sem cuidado
Se não fossem as santas casas de misericórdia

Filantropia ineficaz
Que não aniquilava a dor da nossa gente
Não abalava as estruturas do real problema
Só mascarava a realidade de um regime excludente

Em 1990, com o fortalecimento dos neoliberais
Os planos privados do imperialismo
Intensificaram as investidas, o cruzado
Fazendo valer o jogo do capitalismo

Capitalismo que a saúde agencia
Negocia, cruelmente privatiza
Um direito humano conquistado
Que retira a assistência de quem dele se utiliza

É olhado como algoz o nosso SUS
Ameaçando diariamente todos nós
Que teimam em nos tirar o protagonismo
A Unimed, a Bradesco, a Golden Cross.

Três décadas se passaram
E vivemos em um cenário político de corrosão
Que retira direitos, destrói histórias
Rasgando ferozmente a nossa Constituição

Já passou da hora de irmos ao embate
Na linha de frente, toda essa gente
Junta, unida, em repente
Muitas vezes desobedientes

Desobediência necessária
Que nos liberta, nos mostra a cara
Ou saímos da disciplina imposta
Ou morreremos a caminho dessa estrada

Estrada que nos levará a um futuro bom
Onde o direito não seja negado, a dor
E a dignidade do ser humano
Não seja trocado por um favor

Como dizia Vandr : “vem vamos embora
Que esperar não   fazer
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer.”

  hora de retomar as ruas
De defender o que por direito   nosso
Seja na escola, na igreja, academia
“A nossa luta   todo dia Pois a saúde não   mercadoria.”

“O SUS   NOSSO, NINGUÉM TIRA DA GENTE, DI-
REITO GARANTIDO, NÃO SE COMPRA
E NÃO SE VENDE.”

Nota sobre a poesia

Baseando-se na premissa de que a “saúde é um direito de todos e um dever do Estado”, segundo a constituição Federal de 1988, o Sistema Único de Saúde apresenta-se como ferramenta imprescindível e inequívoca na busca pelo atendimento e cumprimento dessa garantia.

A luta por uma saúde que atendesse a valores filosóficos como a universalidade, a equidade e a integralidade no cuidado das pessoas, vem sendo travada desde que os primeiros críticos ao modelo médico-hospitalar (forma de atenção centrada na figura do médico dentro do ambiente hospitalar), apontaram sua insuficiência na resolução dos problemas de saúde e doença do nosso povo.

O SUS é o maior Sistema de saúde universal, estatal e público do mundo, com números que comprovam sua dimensão e seu fundamental papel para a garantia do cuidado e atenção à maioria esmagadora da população brasileira.

Diante da nossa luta diária em sua defesa, diante do entendimento da sua essencialidade para o cumprimento dos direitos básicos de todos os brasileiros e brasileiras, e por que não, diante do que ele representa para a camada menos assistida pelo nosso Estado, decidi transformar em rimas e versos a minha luta e insatisfação com a forma que o poder público, que os governantes e detentores do poder, têm tratado a saú-

de pública do nosso país, por meio do sucateamento proposital do SUS desde o momento em que ele veio ao mundo, lá em 1988.

O complexo de saúde é uma fonte inquestionável de faturamento, de riqueza e de grandes interesses e relações promíscuas dentro das instâncias e instituições que o controla, sendo, portanto, alvo certo de grandes vigaristas que veem em seu aparelhamento, forma de atender os interesses próprios ou de empresas coligadas, deixando de lado, dessa forma, o adequado e humanizado atendimento da população que necessita exclusivamente dos cuidados e da atenção prestada pelos profissionais que constroem diariamente o maior e mais lindo sistema de saúde do mundo.

As discussões para o seu aperfeiçoamento, os debates para o aprimoramento e cumprimento de suas diretrizes e objetivos, devem fazer parte não só dos centros de estudos em saúde e das instituições de ensino superior, mas sim, precisa estar nas ruas, nos bairros, nas escolas, em todo campo de disputa onde possamos fazer acontecer seus ideais, combatendo, incansavelmente, seu desmantelamento e entrega ao capital estrangeiro.

CONSTRUA
AQUI
SUA POESIA

©
Copyright
Reservados os direitos a
Editora Nocego

Publique seu livro com a
Editora Nocego
www.editoranocego.com.br
seja um leitor preferencial Nocego
conheça nossas publicações
(73) 988737177 - 99917-5087
kalixto.calixto@gmail.com
fafalixto@gmail.com

RTV BRASIL
PRODUÇÕES, ENTRETENIMENTO E EDITORA
CNPJ nº 24.983.429/0001-04
A. Artur Moraes 170, Jequiezinho, Jequie-Ba.

Realização



Apoio financeiro



SECRETARIA
DE CULTURA



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA
MINISTÉRIO DO
TURISMO



Este projeto tem apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura e da Fundação Pedro Calmon (Programa Aldir Blanc Bahia) via Lei Aldir Blanc, direcionada pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal.